

A influência da diplomacia curda na disputa de poder entre Irã e Arábia Saudita

MARINA MORENA CAIRES E ISIS AQUINO

A rivalidade entre Irã e Arábia Saudita se desdobra em uma batalha por influência e controle regional, seja através de proxy wars, prática caracterizada pela interferência indireta em conflitos extraterritoriais (MUMFORD, 2013), ou do uso de afinidades culturais e políticas. Tais práticas se intensificam ainda mais em países cuja estrutura interna esteja fragilizada por guerras civis e instabilidade de poder (MABOM, 2015; GRUMET, 2015). Dentro desse complexo contexto, emergem, desde o início do século XX, as reivindicações curdas por segurança e um território autônomo, que vem sendo largamente influenciada pela disputa entre Irã e Iraque (AHMED, 2016).

O povo curdo é o maior povo sem nação própria na atualidade e o quarto maior grupo étnico do Oriente Médio, localizado entre a Turquia, Síria, Irã e Iraque. Centralizados numa área conflituosa, a luta curda por um território independente é altamente reprimida pelos governos locais, e como resposta vêm se estruturando em partidos e organizações armadas ilegais. Ao mesmo tempo, a questão ganha camadas de complexidade pois é diretamente afetada pelos múltiplos conflitos locais, como no caso da Guerra da Síria, da Invasão Estadunidense no Iraque em 2003 e até mesmo pela recente onda de protestos no Irã (MCDOWALL, 2021).

Ainda que movidos pelo ideal comum da construção de um Curdistão, diferentes organizações articulam-se para lidar com os desafios regionais da população curda, uma vez que diferem a depender do Estado sitiado (BRUINESSEN, 1986). A luta curda no Iraque, que se desenvolveu e conseguiu avanços inéditos, vem sendo atravessada em diferentes âmbitos pela rivalidade entre Irã e Arábia Saudita, uma vez que trata-se de um território vizinho ao Irã e pode influenciar as lutas curdas iranianas e, ainda, é uma potencial zona de influência local para sauditas, que vem tendo dificuldade em obter espaço político no território iraquiano desde o fim da invasão estadunidense. Assim, nas últimas décadas, o agrupamento se estabeleceu enquanto um importante ator de influência sub estatal no

O Oriente Médio, desenvolvendo uma articulação paralela e independente com atores internacionais, mesmo estando interligado com a administração federal iraquiana (CENGIZ, 2022)..

Dentro do país, a luta pelo Curdistão ganhou um viés bastante particular. Povoando o norte da nação, curdos no Iraque estabeleceram uma cadeia de poder local após o fim da Guerra do Iraque e da retomada de seu território. Diante da pressão exterior contra a declaração de independência e a instabilidade governamental iraquiana no período pós-guerras, a Constituição do Iraque de 2005 permitiu aos curdos um governo federativo regional com algum nível de soberania territorial. Assim se constituiu o Governo Regional Curdo ("KRG", de acordo com seu nome em inglês), território ao norte do Iraque que vem ganhando importância diplomática e estratégica diante das tensões do Oriente Médio (AHMED, 2015).

O papel-chave da diplomacia dos curdos

Com a invasão estadunidense em 2003, que desestabilizou o governo iraquiano, e a relativa autonomia conquistada em 2005, os curdos iraquianos ganharam uma chance de se expandir além do governo de Bagdá. O mercado do petróleo e do gás natural, a abundância de água, as terras férteis e a relativa segurança – quando comparada ao resto do Iraque –, tornam a região bastante atrativa para investidores de empresas europeias e vizinhas em diversos setores como infraestrutura, projetos industriais, rodovias e agricultura (AHMED, 2012). Além disso, os oficiais curdos também buscam bastantes investimentos na área de turismo e de exploração de gás e petróleo. O governo curdo se esforça na implementação de medidas e concessões à parte do governo iraquiano, que potencializaria o seu número de investidores e suas relações exteriores.

O cultivo dessas relações diplomáticas seria essencial daqui em diante para que o KRG, buscando reconhecimento, legitimação e investimentos exteriores, pudesse se desenvolver. Como atores-chave dentro do território e com um longo histórico de tendências separatistas, os curdos viam com apreensão sua relativa autonomia sustentada pelo frágil Estado iraquiano, o qual era apoiado e reconhecido mundialmente. Após 2005, mesmo que reafirmassem que não buscavam independência enquanto o Iraque fosse um governo federativo e

democrático que lhes concedesse autonomia, seus Estados vizinhos mantinham-se com suspeitas (AHMED, 2012) acerca de suas reais intenções. Dessa forma, um dos primeiros deveres do KRG era apresentar uma visão do Curdistão iraquiano como uma nação pacífica e central para a manutenção da unidade iraquiana, enquanto ainda buscavam seus objetivos, por meio de suas ferramentas diplomáticas e campanhas fortemente incentivadas pelo então presidente curdo, Nechirvan Idris Barzani.

Inicialmente, o governo projetou a região ao cenário externo por meio de relações pautadas por questões econômicas, como a atratividade da indústria curda de extração de petróleo. Em 2007, o parlamento curdo aprovou uma lei diferente da nacional sobre petróleo e gás que foi considerada ilegal pelo governo iraquiano (ZADEH; KIRMANJ, 2017), mas que foi fortemente encorajada por empresas estrangeiras. Isso levou os representantes do KRG a diversas visitas e reuniões com líderes da Europa, Ásia e América do Norte, sempre se apresentando com simbolismo curdo. Internacionalmente, o KRG passou a ser tratado cada vez mais como um país independente (ZADEH; KIRMANJ, 2017), levando os curdos a se tornarem um agente cada vez mais relevantes na política do Oriente Médio.

No início dos anos 2010, a guerra volta ao Curdistão com os ataques do grupo terrorista Daesh, autodenominado Estado Islâmico ("ISIS", conforme o nome em inglês). A necessidade da retomada da luta armada no território que vinha se tornando mais pacífico trouxe diversas consequências internas. Em 2014, com a sobreposição de problemas econômicos, de segurança e humanitários, o KRG se viu em uma crise econômica em grande escala (OZDEMIR; ALACA, 2021). No entanto, trouxe também um benefício político: a luta curda pela defesa do território reforçou a importância da região para a manutenção da unidade regional na campanha contra grupos terroristas. A ameaça do terrorismo fortaleceu os laços políticos, militares e econômicos entre o Ocidente e os curdos do Iraque (ZADEH; KIRMANJ, 2017). A coalizão anti-Daesh também reforçou a capacidade curda de manter relações independentes do governo de Bagdá (ZADEH; KIRMANJ, 2017).

O impacto regional da aliança entre KRG e a Arábia Saudita

Ainda no início do século, o fim do governo de Saddam Hussein e o início de um governo xiita preocupou os países do Golfo Pérsico em relação à estabilidade regional e à sua própria segurança (CENGIZ, 2022). O rombo de poder resultante da invasão estadunidense abriu espaço para novos agentes conduzirem a política do que antes era uma das três potências da região. Assim, as demais forças regionais no Irã e Arábia Saudita teriam chance de aumentar seu poder. Em contrapartida, o vácuo de poder levou à expansão da influência do Irã no novo governo iraquiano e a inanição da Arábia Saudita, os quais tinham relações complexas com o líder pró-xiita, Nouri al-Maliki, primeiro-ministro iraquiano entre 2006 e 2014, deixando-os por fora da política iraniana depois de 2003. Isso passou a ser outro fator de extrema preocupação para a monarquia. No entanto, a posição estratégica geopolítica do KRG, tanto para a economia, quanto como um contraponto entre a Arábia Saudita e o Irã, conduziu o governo saudita a estabelecer laços com a região.

A partir da tomada de poder do príncipe-herdeiro Mohammad bin Salman, a estratégia política regional da Arábia Saudita mudou. No Oriente Médio pós-invasão estadunidense e Primavera Árabe, a analista política Sinem Cengiz (2022) acredita que a combinação de uma liderança com hard (militar) e soft (diplomacia e economia) power se tornou o novo enfoque. É dessa mudança que surgem as relações diplomáticas cada vez mais fortes entre KRG e Riad, a capital saudita. A busca saudita por apoio regional sunita de forma não violenta auxilia o contrabalancear do poder xiita na região e aumenta a sua influência local. Visitas oficiais entre a monarquia saudita e a liderança política curda já levaram à abertura de um consulado em Arbil, capital da região do Curdistão iraquiano, em 2016 e a um encontro em 2018, que resultou no debate sobre estreitar laços econômicos usando o Curdistão iraquiano como ponto de partida dos investimentos na agricultura, energia, indústria e turismo no Iraque.

Até então, os esforços de Riad estiveram voltados à proteção de seu poder local e ao combate do Irã regionalmente (CENGIZ, 2022). A nova política busca tirar o Irã e o KRG da órbita iraquiana, prevenindo essas áreas de se tornarem campos de batalha para grupos como o Daesh (ZEIDEL, 2018 apud CENGIZ, 2022). Isso leva a Arábia Saudita a uma

posição complexa de apoio à autonomia curda, mas não por vias oficiais. Em 2017, o presidente Barzani lançou um referendun que buscava entender quantas pessoas da região apoiariam a independência curda. Em meios oficiais, o rei saudita não ofertou apoio ao KRG, mas a opinião pública em redes sociais e nas mídias do país foi bem clara em seu pensamento favorável à separação. Mesmo que a independência possa ser benéfica à monarquia saudita, a medida que causa um efeito cadeia prejudicial em Teerã, sua concretização não é um cenário absolutamente positivo nem para o país do Golfo, nem para a região, pois abalaria ainda mais uma área já instável e prejudicaria as relações que Riad vem formando com o novo governo iraquiano.

O Irã e o KRG

No pós-guerra iraquiano, a tensão entre Riad e Bagdá criou espaço para o estabelecimento de uma área de influência iraniana no território recentemente desocupado pelas forças estadunidenses e de orientação xiita. Teerã se tornou um dos mais fortes aliados de Bagdá e um dos principais investidores no Iraque Curdo, vendo como seu quintal e resabiado diante das investidas sauditas (HAWRAMY, 2018 apud CENGIZ, 2022).

Apesar de não tomar posição oficial em conflitos sectários, enquanto um elemento sunita diante do projeto de influência xiita, o Curdistão iraquiano busca e serve como ferramenta ao balanceamento de forças. Não se trata do único elemento de interesse para as relações internacionais curdas, que vem ocupando um papel como mediador internacional, mas como um desdobramento da rivalidade entre dois atores-chave dentro dos conflitos regionais (CENGIZ, 2022).

As movimentações entre árabes e curdos alarmam o governo iraniano à medida que geram ameaças internas e externas. A nação persa lida com suas próprias insurreições curdas, e vê com maus olhos a expansão no território vizinho, à medida que este cria um precedente para o partido local Kurdish Democratic Party of Iran (KDPI) e, mediante crescimento e investimentos monetários, pode ajudar a financiar a independência dos curdos iranianos.

Historicamente, a abordagem aos povos que habitam a cadeia montanhosa ao noroeste do Irã e norte do Iraque é bastante intervencionista (CENGIZ, 2022). Desde 2003, diante do estabelecimento do KRG, vem acontecendo uma

movimentação étnico-nacionalista por reconhecimento nacional, na qual os governantes não vêm sendo efetivos nas medidas de mitigação (GRESH, 2009). Muito do controle iraniano sobre a KRG é exercido através do medo e da ameaça armada, incluindo invasões periódicas da sua artilharia no território, (EISENSTADT et al., 2011 apud CENGIZ, 2022) entretanto a intervenção também é feita ao nível de influência política.

As tentativas falhas de manipulação da imagem da causa como violenta e antinacionalista alarmam ainda mais o presidente atual, Ebrahim Raisi. Diante da eclosão da onda de protestos em setembro de 2021, Teerã tentou atribuir ao movimento nacionalista curdo a responsabilidade por um movimento de caráter disruptivo. Em contrapartida, as manifestações iniciadas a partir do assassinato da jovem curda Jina Amini, que foi morta por agentes do governo ao supostamente não seguir restrito código de vestimenta feminino, se espalharam pelo país e desafiaram o controle autoritário local (DAOU, 2022). A impossibilidade do uso do conflito étnico curdo como bode expiatório no caso supracitado demonstra a dificuldade em conter o fluxo de informações e manipular a opinião interna, a fim de evitar que as conquistas vizinhas em se estabeleçam como incentivadoras para uma insurreição interna (GRESH, 2009).

O futuro curdo

É evidente o papel crucial que a diplomacia tomou para que o Curdistão iraquiano pudesse se projetar como um importante ator não-governamental dentro da política do Oriente Médio, principalmente na sua influência para o conflito entre Arabia Saudita e Irã.

No entanto, independentemente de seu potencial inicial e do seu desenvolvimento diplomático para conseguir apoio regional e internacional e poder, a independência do Curdistão parece distante. Os interesses sauditas na região, pensando a desestabilização do Irã, não são o suficiente para angariar suporte de Riad. O custo da pouca estabilidade que seria perdida em um país de destaque no globo, principalmente devido a sua indústria de petróleo, quando se questiona o seu governo, deixando em posição vulnerável a organizações como o Daesh, é um perigo grande a se correr. Ainda mais por um governo que vem sofrendo grandes crises econômicas, políticas e sociais.

Referências

AHMED, Mohammed M. A. *Iraqi Kurds and Nation-Building*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 6 set. 2012.

ALACA, Mehmet; ÖZDEMİR, Alper Cezmi. *Migration Phenomenon in the KRG: why are the Kurds going west?* Policy Brief, vol. 199, 2021.

BRUINESSEN, Martin Van. *The Kurds Between Iran and Iraq*. MERIP Middle East Report, No. 141, Jul. – Aug., 1986, pp. 14-27.

CENGİZ, S. *Dynamics of Saudi Arabia-KRG Relations: From 2003 Iraq War to 2017 Referendum and Beyond*. *Contemporary Review of the Middle East*, vol. 9, nº 3, p. 321-340, 2022.

THE Kurds are the 'ideal scapegoat for both Turkey and Iran'. *France 24*, Paris, nov 2022. Disponível em: <https://www.france24.com/en/middle-east/20221123-the-kurds-are-the-ideal-scapegoat-for-both-turkey-and-iran> . Acesso em: 15 fev 2023.

GRESH, G. F. (2009). *Iranian Kurds in an Age of Globalisation*. *Iran and the Caucasus*, v. 13, n. 1, p. 187-196. doi:10.1163/160984909x12476379008241

GRUMET, T. *New Middle East Cold War: Saudi Arabia and Iran's rivalry*. Tese (Master of Arts) - The Faculty of the Joseph Korbel School of International Studies University of Denver. Denver. 2015.

KIRMANJ, Sherko; ZADEH, Yoosef Abbas. *The Para-Diplomacy of the Kurdistan Region in Iraq and the Kurdish Statehood Enterprise*. *Middle East Journal*, vol. 71, nº 4, p. 587-606, 2017.

MABON, Simon. *Saudi Arabia and Iran: Power and Rivalry in the Middle East*. Estados Unidos: Bloomsbury Publishing, 2015.

MCDOWALL, David. *A Modern History of the Kurds*. Estados Unidos: Bloomsbury Publishing, 2021.